

## **Um Credor da Fazenda Nacional, de Qorpo Santo**

### **Fonte:**

LEÃO, José Joaquim de Campos (Qorpo Santo). "Um Credor da Fazenda Nacional". Teatro Completo, Guilhermino César (org). Rio de Janeiro : Serviço Nacional de Teatro/ Fundação Nacional de Arte, 1980. p. 137-145 (Clássicos do Teatro Brasileiro, 4).

### **Texto proveniente de:**

Algo Sobre Vestibular e Concurso

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Qualquer dúvida entre em contato conosco pelo email [falecom@algosobre.com.br](mailto:falecom@algosobre.com.br)

<http://www.algosobre.com.br>

### **Texto-base digitalizado por:**

Selma Suely Teixeira - Curitiba/PR

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas.

## **UM CREDOR DA FAZENDA NACIONAL Qorpo-Santo**

### **PERSONAGENS:**

Credor

Porteiro

Um Major

Um Contínuo

Empregados da repartição

Outros credor

Leopoldino ,*Contador*

Chefe de secção

*Sr. Barbosa*

### **ATO PRIMEIRO**

**UM CREDOR** – (*entrando em uma repartição pública; para o Porteiro*) – Está o Sr. Inspetor?

**PORTEIRO** – Está; mas não se lhe pode agora falar.

**CREDOR** – Por quê?

**PORTEIRO** – Está muito ocupado!

**CREDOR** – Em quê?

**PORTEIRO** – Tem gente aí com ele.

**CREDOR** – Quem é?

**PORTEIRO** – Um Major!

**CREDOR** – Demorar-se-á muito?

**PORTEIRO** – Ignoro.

**CREDOR** – Pois diga-lhe que lhe quero falar!

**PORTEIRO** – Não posso ir lá agora.

**CREADOR** – Quantas horas estarei eu aqui à espera que o Sr. Major saia para que eu entre!

*(Passeia) .(O MAJOR, saindo e encontrando-se com o Credor.)*

**CREADOR** *(para o MAJOR)* – Oh! O Sr. por aqui! Julgava-o quem sabe onde!

Disseram-

me que tinha ido para Rio Pardo há dias!

**MAJOR** – Tenho tido aqui numerosos afazeres, por isso não sei quando irei.

**CREADOR** – Fique certo que sinto o mais vivo prazer em vê-lo no gozo da mais perfeita saúde.

**MAJOR** – Onde é aqui a tesouraria?

**CREADOR** – Na Tesouraria estamos; mas o Tesoureiro está lá embaixo.

**PORTEIRO** – Lá, não; lá está o pagador!

**CREADOR** – Ah! Então é cá em cima; porém nos fundos; creio que na última sala.

**MAJOR** – Então para lá vou. *(Segue.)*

**CREADOR** – Agora entro eu. *(Dirigindo-se à repartição.)*

**PORTEIRO** – Está lá o Sr. Leopoldino Contador!

**CREADOR** – É célebre! Então vou à secção respectiva saber se foi informado o meu requerimento! *(Caminha, e entra.)*

**PORTEIRO** – Que diabo de homem este! Tem vindo mais de um cento de vezes à repartição... se há de...

**CONTÍNUO** – Faz ele muito bem [em] vir cá ! Deve-se lhe, por que não se lhe há de pagar?

**CONTÍNUO** – Homem; isso é verdade! Qual a razão por que esta repartição há de paliar

meses e anos!?

**PORTEIRO** – Custa a crer a retardação de pagamento ou a preguinha, segundo dizem alguns empregados!

**CONTÍNUO** – O caso é que ele tem procedido sempre com a maior prudência!

**PORTEIRO** – Isso é verdade. Mas quantos terão sofrido pela falta de cumprimento de deveres de alguns funcionários públicos?

**CONTÍNUO** – É verdade! Tem havido tantos males, que enumerá-los talvez fosse impossível.

**PORTEIRO** – Mas tu sabes o que os empregados querem? Talvez não saibas. Pois eu te

digo:

1º – Acabar com a Monarquia Constitucional e Representativa!

2º - Pôr termo às repartições públicas; isto é, acabarem com todas estas imposturas!

3º- Mudar a forma de governo para República.

4º- Fazerem uma liga entre todos que...

**CONTÍNUO** – *(pondo as mãos na cabeça e puxando as orelhas)* – Estás louco! Homem!

D'onde vieram-te esses pensamentos!?! Se não mudas de modo de pensar, vais parar à Caridade.

**PORTEIRO** – Ah! Tu não ouves! És surdo! Não vês. Tens olhos e não enxergas!

Ouvidos, e não ouves! Só falas! Tu verás a revolução que em breve se há de operar! Olha; eu estou vendo o dia em que entra por aqui uma força armada; vai aos cofres, papéis. e rouba quanto neles se acha. Acende um facho, e laça fogo em tudo quanto é papéis.

**CONTÍNUO** – (*a correr*) – Ih! Ih! Ih! Parece que já estou ouvindo o tinir das espadas!  
A

voz do canhão troar. Deus meu! Acudi-me! Ai! Que eu morro! (*Cai sentado.*) Ai!  
Ai! Estou cansado! Fadigado! Quase... Meu Deus! Quantas mortes vos aprazera  
ainda fazer!? Quando vos compadecereis de vossos entes ainda que maus!?  
Quando se aplacará a vossa ira!? Quando se saciará a vossa vingança! Céus!  
Que vejo! (*Como amparado com as mãos; pondo o corpo de lado; ao ouvir o  
som da trovoada que em cima se faz.*) Ah!...

**PORTEIRO** - (*querendo acudi-lo*) – Não é nada, companheiro e amigo! São os  
primeiros

preparativos para a estralada que logo mais terá de ver e ouvir. Tranqüiliza o teu  
coração. Ainda não desceram raios, fogo, e tudo o mais que se há preparando  
para grande revolução! Começará de cima; e descerá à terra, como a saraiva em  
certos dias chuvosos. (*Ouve-se nova trovoada; relâmpagos.*)

**CONTÍNUO** – (*melhorando pouco; e levantado-se*)- Acho-me um pouco mais  
animado?

Parece-me que isto não é comigo. Que dizes? Hem? (*batendo no ombro do  
porteiro.*) Que diabo, pois eu nada fiz, o que devo temer!? Sou muito  
pusilânime.

**PORTEIRO** – Tu sempre foste um poltrão. De tudo te assustas; de tudo tens medo!  
Diabo!

(*Empurra-o*) Toma juízo! Deixa-te de...

**CONTÍNUO** – Ora, ora! E não entendo o que é ter juízo, pelo que vejo, e pelo que  
ouço.

Vivo em minha casa. Trabalho incessantemente em proveito meu, e da minha  
família. Não ofendo a pessoa alguma! Sucede-me isto! Dizei-me: - O que é ter  
juízo?

**PORTEIRO** – Ter juízo é cometer... e... ai!ai! (*pondo as mãos no rosto*) que também  
estou

ficando doente!

**CREDOR** (*voltando*) – Ainda hoje não recebo dinheiro! Prometeu-me um Empregado,  
e a

mais um indivíduo que espera... Como de... (*Sai.*) Veremos se se pode receber  
segunda-feira!

**UM DOS EMPREGADOS** – Por que razão não se há de pagar a este homem!?

**OUTRO** – Eu sei disso!?

**CREDOR** –(*voltando*) – Não tenho melhor resolução a tomar, que a de sentar-me em  
uma das cadeiras desta repartição e nela esperar até que se me pague.

**CERTO INDIVÍDUO** – Então, por quê?

**CREDOR** - Ora, porque!? Porque não dou um passo que não encontre um ,que não  
me peça o aluguel da casa. Outro, que não me peça... que não me fale!...

**O INDIVÍDUO** – Tudo isso é bom!

**CREDOR** – É ; é; para certos indivíduos; para mim é péssimo! Nunca gostei de ser  
atacado em casa, quanto mais pelas ruas da cidade! Todos os que compelem a  
honra, ou aos que desejam viver com seriedade, - a essas cenas, - deveriam em  
minha opinião ficar condenados a idênticos; ou a outros procederes piores,  
contrários à sua vontade, ou desejos.

**O INDIVÍDUO** (*com a mão querendo fazer uma cruz*) – Resquíe d’impacce! Resquíe  
d’impassere; Amem! Amem! N’amem! N’amem! (*Saindo*). E vou m’embora

(*Sai*)

## ATO SEGUNDO

*Salão em que trabalham diversas secções*

**CREDOR** (*entrando*) – É a vigésima... não me lembro se quinta ou sétima vez que venho

a esta casa haver aluguéis de casa! E talvez ainda hoje saia sem dinheiro! (*À parte:* ) Mas eles hão de se arranjar! (*A um dos empregados, o Contador:* )Vossa Senhoria faz-me o obséquo de dizer se está despachando o conteúdo, ou quer que seja, quando a um requerimento que aqui tenho?

**CONTADOR** – Será... (*lendo*) Castro... Car... Cirilo, Dilermando!?

**CREDOR** – Não! É um requerimento meu, assinado – José Joaquim de Qampos Leão, Qorpo-Santo.

**CONTADOR** – Ah! Esse está no chefe da quarta secção.

**CREDOR** – Bem, então lá irei. (*Dirigindo-se ao chefe:* )Faz-me o obséquo de dizer se já

está despachado um requerimento que aqui tenho?

**CHEFE** (*apontado*) – Fale ali com o Sr. Barbosa.

**CREDOR** (*dirigindo-se a este*) – Ainda não encontrou o que procurava a meu respeito?

**BARBOSA** – Ainda não! Há aqui tantos papéis!

**CREDOR** – Ora, com efeito! Pois tanto custa ver um ofício da Presidência, ou ver o assentamento que em virtude desse ofício deve existir no livro competente? Isto é, no mesmo em que se acham debitados tais aluguéis!? (*Senta-se.*)

**CHEFE** – V. Exa. Não adianta nada em esperar aqui! Antes atrasa o serviço para conseguir

o que quer; deixe estar que está se trabalhando!

**CREDOR** – Eu, nem venho interromper, nem venho adiantar! Mas apenas saber! Parece-

me cousa tão simples; tão fácil...

**BARBOSA** – São três ofícios da Presidência que o Sr. Inspetor quer ver! Não é um só.

**CREDOR** – Srs., eu já sei o que hei de fazer, o que os Srs. querem! Voltarei em tempo! (*Ao sair, encontra-se com outro.*)

**O OUTRO** – Então, não!? (*Dá-lhe uma caixa de fósforos.*)

**CREDOR** – Estou doente; e assim fico todas as vezes que venho a esta casa, e dela saio sem dinheiro!

**O OUTRO** – Então fico eu pelo Sr.! (*O Credor sai; e o Outro entra.*)

**O OUTRO** – Muito custa esta casa pagar a quem deve! Faz-se uma dúzia de requerimentos

para se obter um despacho! Cada requerimento leva outra dúzia de informações!

O

despacho definitivo obtém-se por milagre! E a paga ou dinheiro que a alguém se deve – quase à força, ou pela força!

**UM DOS EMPREGADOS** – (*para esse Indivíduo*) – Com efeito! O Sr. é audaz de mais!

**O OUTRO** – Não! Não é por audácia! É apenas referir o que se passa... o que é

verídico!

**EMPREGADO** – Sim; mas nós não temos culpa!

**O OUTRO**- Nem eu inculpo a alguém! Mas receio, Srs., que os numerosos incômodos que

tenho sofrimento, pelo procedimento que esta repartição para comigo – vai tendo; os vexames; as faltas; as privações; e até as enfermidades que tem me causado e numerosos outros transtornos, farão de repente com que se espalhe fogo nestes papéis – e tudo se incendie (*Toca uma caixa de fósforos numa mesa; esta incendeia-se; ele a atira para as mesas de um dos lados; faz o mesmo à outra, e atira para outro lado; enquanto os empregados trabalham para apagar o fogo em alguns papéis que começam a incendiar-se, ele sai.*)

(Já se vê que há descompostura; repreensões; atropelamento, carreiras em busca d' água; ligeireza para se-apagar; aparecimento de alguns outros empregados, ao ouvirem o grito de fogo, etc.

Pode acabar assim; ou com a cena da entrada do Inspector, repreendendo a todos pelo mal que cumprem seus deveres; e terminando por atirarem com livros e penas; atirações e descomposturas etc.)

*Por*

José Joaquim de Campos Leão Qorpo-Santo.

*Em Porto Alegre, de 26 a 27 de Maio de 1866.*